



# TAMANDARÉ E A LOGÍSTICA NAVAL NA GUERRA DO PARAGUAI

Arlindo Vianna Filho

*"Uma vez decidida a guerra, torna-se necessário preparar-se não um plano completo de operações — o qual é sempre impossível — pelo menos um sistema de operações adequado ao fim prescrito; prover uma base, bem como todos os meios materiais necessários para assegurar o sucesso da empresa."*<sup>1</sup>

O conceito de Estratégia, no século XVIII, circunscrevia a administração militar, o conhecimento e a utilização adequada dos exércitos, a ciência das fortificações, a arte de comandar, o hábil recurso à propaganda da guerra e um saber político pragmático e rude. Com a complexidade crescente das relações que se desenvolvem no encargo e aplicação do poder, a Arte da Guerra passou a abranger, cada vez mais, atividades relativas a uma sábia dinâmica dos recursos, articulados no espaço e no tempo, desde antes da batalha mas com vistas a esta, condicionando a vitória no ato da força.

O aprofundamento do estado da arte no campo da previsão, obtenção e distribuição dos recursos necessários para a garantia do sucesso da ação deu origem a um ramo específico do saber militar, a Logística.

Habitados a superar ou vencer antagonismos e dificuldades, atuais ou potenciais, os militares têm dado passos pioneiros e traçado novos rumos para a humanidade. Assim, hoje, a Logística abrange conhecimentos indispensáveis às atividades relacionadas com os recursos necessários à promoção efetiva dos interesses de qualquer nível social ou comunitário.

Porém, a demonstração cabal de que a Logística, na Arte da Guerra, chega a ultrapassar, em muitos casos, os fatores estratégico e tático só ficaria suficientemente clara após a Segunda Guerra Mundial e

<sup>1</sup> Máxima referente à Arte da Guerra, enunciada pelo Barão Antoine Henry Jomini (1779-1869), general do Grande Exército de Napoleão e do Exército Imperial do Tzar da Rússia, um dos formadores do pensamento militar moderno.

a Guerra da Coréia. Nestes conflitos, cada plano estratégico ou ordem tática correspondia a um planejamento logístico, que tornasse possível a realização daqueles. Após estas guerras, o processo do planejamento militar fundamenta-se em só ser possível a vitória para o partido que dispuser de superioridade logística, em quantidade e qualidade de meios e em sua distribuição adequada.

Seria, então, a Logística uma nova arte de ganhar as guerras? Iremos admitir que Napoleão e Nelson, Tamandaré e Caxias triunfaram simplesmente por inspiração ou pela superior coragem?

Na realidade, nas guerras do passado e mesmo nas legiões romanas e naquelas da era napoleônica, as atividades de prever e suprir os meios indispensáveis para as tropas, isto é, as atividades logísticas, já consistiam-se em preocupações que condicionavam o sucesso.

Mesmo desde antes de Sun Tzu, os conflitos são vencidos pelas armas comandadas por aquele que melhor previu e proveu os meios, pessoal, facilidades e serviços indispensáveis, pelo exercício instintivo ou consciente de funções hoje denominadas logísticas. Assim, quando a tribo primitiva, para resolver suas divergências, necessitou armar-se, fabricou a clava e a colocou na mão do mais capacitado a brandi-la, assegurando a possibilidade de vencer. Em outras palavras, tendo identificado um antagonismo, passou, em processo lógico de raciocínio, a determinar as necessidades para ultrapassá-lo, obteve os recursos julgados indis-

pensáveis e distribuiu-os de modo a obter a maior eficácia com a sua utilização. De fato, realizou as etapas logísticas como atualmente são consideradas. Na seqüência: determinação de necessidades, obtenção e distribuição.

Se um general deseja ser feliz no grande drama da guerra, diz Jomini, "seu primeiro dever será estudar cuidadosamente o teatro de operações de modo que possa ver claramente as vantagens e desvantagens que apresenta para si e para o inimigo. Feito isso, poderá inteligentemente passar a preparar sua base de operações, depois de escolher a zona de operações mais adequada para seu esforço principal e, assim fazendo, manter constantemente no espírito os princípios da arte da guerra. Toda máxima referente à guerra será boa se indicar o emprego da maior parte dos meios no momento e no lugar devidos".

Em linguagem simbólica, como Sêneca<sup>2</sup> já observara, "os bons ventos só sopram para quem sabe para onde quer ir". Assim, na Arte da Guerra deve conhecer-se o que se quer alcançar e até onde se pode ir. E a Logística é que determina, obtém e distribui os meios para quem almeja lograr o êxito. Se a Estratégia e a Tática estabelecem o modelo de conduta da guerra, a Logística obtém os meios sem os quais a Vitória não poderá ser alcançada.

A Arte da Guerra regeu a condução dos conflitos em todos os tempos, e a Estratégia e a Tática

<sup>2</sup> Sêneca, Lucius Annacus (4AC-65DC), Filósofo e moralista romano.

foram as mesmas tanto sob César quanto sob Napoleão. A Logística, também. Mas esta só recentemente vem sendo dogmatizada em trabalhos escritos, análises e estudos da história e doutrina militares. Talvez porque vêm os estudiosos do tema "conduzindo, por ordem, os pensamentos, começando pelas temas mais simples e fáceis de elucidar, para pouco a pouco subir, como por degraus, até o conhecimento dos mais complexos".<sup>3</sup>

Em um retrospecto histórico, é difícil imaginar como Dario e Xerxes aprovacionaram seus imensos exércitos da Trácia, onde ainda hoje seria uma tarefa difícil suprir trinta mil homens. A História militar registra atividades surpreendentes como, em 1864, quando o Paraguai mobilizou 64.000 homens e estabeleceu um sistema de bases militares em esforço que só poderia ser desenvolvido com entendimento de princípios e atividades hoje compreendidos pela teoria da Logística. Muito já se escreveu sobre o valor, a coragem e a intrepidez, o patriotismo e heroísmo dos bravos que se bateram na Campanha da Tríplice Aliança contra o Paraguai. A estratégia da guerra e a tática das batalhas já foram objeto de profundos relatos e análises. Também o aprovisionamento e a administração do material e do pessoal tiveram descrições e citações pelas suas conseqüências no desenrolar dos eventos e mesmo sobre sua influência no êxito final. Mas, os fragmentos da análise do processo logístico não foram, ain-

da, agrupados em uma seqüência lógica e específica que evidencie, numa visão sistêmica, como a Logística, paralelamente aos aspectos estratégicos e táticos, influenciou decisivamente na sorte deste drama. Nós nos propomos a sondar, apenas sondar cautelosamente, alguns aspectos logísticos navais do partido vencedor.

## PREPARO DO PODER NAVAL

Desde 1852, o Brasil se esforçava por chegar a um acordo com o Paraguai sobre as questões da navegação fluvial e de limites. Em 1856/57, as controvérsias pareciam fazer a guerra iminente. Brasil e Paraguai preparam-se para o conflito. Esforços diplomáticos afastam, pelo menos adiam, a guerra que não desejávamos.

Evidenciava-se o antagonismo. "Tivemos receios sérios de complicações internacionais, e fomos obrigados a adquirir navios apropriados à guerra fluvial", explicava mais tarde, a 14 de março de 1864, o Conselheiro Saraiva.<sup>4</sup>

Quando "se deliberou colocar o Império em posição de defender os seus interesses e a sua hora perante o estrangeiro", confiou-se "à honra e patriotismo do Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa, com a mais ampla liberdade de ação, diligenciar os nossos preparativos bélicos". Tratávamos, concluía Saraiva, "de prepararmos para todas as eventualidades relati-

<sup>3</sup> René Descartes (1569-1650), in "Discurso do Método" (1637).

<sup>4</sup> Saraiva, Conselheiro José Antônio (1823-1895). Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha de 4-5-1857 a 12-12-1858 e de 12-5-1865 a 27-6-1865.

vas à questão paraguaia. Entre estas eventualidades estava a adoção de um bloqueio rigoroso e a de uma guerra. Em qualquer dessas circunstâncias precisávamos de uma forte esquadilha a vapor, e do combustível necessário para que essa esquadilha não ficasse inerte e sem préstimos para manter os interesses do Império”.

“O ilustre Vice-Almirante encarregado dessa aquisição fez tudo que pôde para que esses navios fossem bem construídos e armados.”

A determinação prévia das necessidades para o preparo do nosso poder naval foi expressa por Saraiva a Tamandaré, em Ofício de 13 de outubro de 1857: “Devo dizer a V.Exa. que não deve obter menos de dez canhoneiras; se não puderem elas ser obtidas até maio o deverão ser ainda com mais demora, visto como nós precisamos de navios a vapor, que calem dez palmos e menos, para fortalecer a nossa Esquadilha de Mato Grosso, que tem necessidade de ser colocada em bom pé, razão do aumento muito sensível da Esquadilha do Paraguai”.

O relato das atividades logísticas para aquisição dos navios que adequariam nosso poder naval, vamos obtê-lo em cuidadosa correspondência<sup>5</sup> dirigida ao Ministro da Marinha pelo Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa.

“Para corresponder à confiança com que V.Exa. me honra, envidarei todos os esforços para obter que as canhoneiras sejam da melhor qualidade e armadas o melhor que seja possível, procurando que

sejam da ordem das que na última guerra comprovaram sua superioridade e excelência como máquinas de guerra. Estas são indubitavelmente as canhoneiras forradas de ferro do lume d’água para cima e à prova de bala de grosso calibre; elas arrasaram as grandes baterias de Kinburn, conservando a reputação de sua invulnerabilidade, e são elas as mais próprias para atacar e arrasar as fortificações feitas ou em construção nas margens do Paraguai.”

Para o teatro de operações, mercê de suas características especiais, Marques Lisboa revia as especificações e concluía que “as canhoneiras não calem mais de 6 pés de água, devendo cada canhoneira montar 2 peças de calibre 68 da 1ª classe para lançar balas sólidas e do peso de 65 quintais<sup>6</sup> e nove pés de comprimento e quatro peças de 32 de 3ª classe do peso de 25 quintais e seis pés de comprimento. Para que os construtores se pudessem obrigar a fazer as canhoneiras desta classe e que, movidas a hélice, pudessem ter uma marcha maior de 7 milhas, forçoso foi limitar a quantidade de combustível e mantimentos para um certo espaço de tempo em dadas circunstâncias, por isso deverão elas ter só carvão para três e mantimentos para oito dias, para cem praças, quando seja forçoso que não demandem mais de 6 pés de água. Com tal quantidade de combustível terão elas porém o suficiente

<sup>5</sup> Correspondência do Almirante Joaquim Marques Lisboa existente no Arquivo do Serviço de Documentação-Geral da Marinha.

<sup>6</sup> Quintal é antiga unidade de peso equivalente a 4 arrobas.

para um ataque prolongado em qualquer dos rios em que hajam de operar, e como para isso devam andar incorporadas e em Esquadra ou Divisão, terão necessariamente depósitos em que ao fim de 5 a 8 dias possam prover tanto de combustível e mantimentos como de munições de guerra”.

Estava estabelecida, desde então, forçada pelo aspecto fisiográfico da região em que deveriam operar e pelo nível tecnológico da época, a necessidade de apoio logístico, em termos de combustível e munição, a ser prestado por bases avançadas e móveis.

O Almirante Marques Lisboa, com clarividência, analisava a lição dos fatos: “A guerra da Criméia, ainda há pouco, acabava de mostrar quanto foram falíveis os juízos dos homens amestrados na arte da guerra das mais fortes e experientes nações do mundo, e as fases dessa guerra, sua duração e milhares de projéteis, nos devem ensinar a não nos fiar em lisonjeiras esperanças e a bem provermos quando tenhamos de lutar pela honra e dignidade da bandeira nacional.”

Concluiu serem necessárias “algumas embarcações de pouco calado e de maior capacidade possível, para fazer o serviço de transporte de gêneros, depósito de sobressalentes e do material bélico necessário para se construírem e se suprirem baterias flutuantes”. Mais tarde seriam imprescindíveis, como previra.

Onze meses após a autorização para a aquisição, as quatro últimas canhoneiras suspendiam para o

Brasil. “As presentes canhoneiras vão, como as primeiras, carregadas de projéteis. No número deste vão compreendidos os que comprei para o abastecimento dos arsenais. Por causa do grande número de artigos bélicos que levam, não se pôde obter conveniente arrumação a bordo.”

Marques Lisboa procurou diligentemente ter os melhores navios. Especificou calado e arranjos. Dotou as canhoneiras de grupo destilatório. Exigiu proteção encouraçada; adquiriu o “melhor armamento de mão e munição de guerra. A artilharia e seus reparos nas embarcações é do maior calibre em uso na nossa Marinha e na Britânica. Os escaleres são bons, construídos com vistas de servirem em rios, com meios para desembarcarem regular número de praças”.

Batizou seus navios; designou seus Comandantes. Contratou os marinheiros; procurou que “tivessem suficiente roupa, a fim de poderem desde o começo se apresentar uniformemente vestidos e aseados, e neste estado sejam mais sujeitos à disciplina.

Adquiriu os cronômetros para a navegação e acompanhou as provas de máquinas. Exigiu e obteve “dos construtores o aumento do pano das canhoneiras com mais uma gávea e joanete, com o fim de obter velocidade com vento largo e a bolina, poupando-se assim maior despesa de carvão”.

São bem documentadas as irretocáveis atividades logísticas de obtenção das canhoneiras.

O nosso poder naval passou a contar com as valorosas *Araguai, Iguatemi, Mearim, Tietê, Ivaí, Araguari, Ibicuí, Itajaí, Belmonte e Parnaíba*. Navios de Tamandaré! Seu valor está registrado nas passagens nobres e heróicas da História Naval Brasileira.

## LOGÍSTICA OPERATIVA

Francisco Solano López herda, em 1862, o poder de seu pai.

"Militariza seu povo, fortifica Humaitá e adestra trinta mil soldados escolhidos no acampamento de Cerro-Corá.

Que planos abriga?

Que objeto tem em vista?"<sup>7</sup>

"O Paraguai começou a preparar-se ativamente para a guerra em 1864, e em março desse ano López estabeleceu um acampamento onde 30.000 homens, de dezesseis e cinquenta anos, recebiam instrução militar. Ao mesmo tempo, 17.000 recrutas eram exercitados em Encarnación, 10.000 em Humaitá, 4.000 em Assunção e 3.000 em Concepción. Ao todo, cerca de 64.000 homens receberam instrução militar em seis meses, de março a agosto de 1864."<sup>8</sup>

Latente e iminente o conflito, o Conselheiro Saraiva reconheceria, em sessão do Gabinete a 14 de março de 1864, que a Armada Imperial para operação no ambiente fluvial contava com os navios de

<sup>7</sup> Meron, Martín García. In: *Juan Bautista Alberdi*. Buenos Aires, 1890, pág. 339. Citado por Hélio Lobo em *Antes da Guerra*.

<sup>8</sup> George Thompson, tenente-coronel encarregado do serviço de engenharia de López, a cujo estado-maior pertenceu, in *The War in Paraguay*, Londres, 1869.

Tamandaré: "São eles ainda os que se acham em condições favoráveis a nosso serviço especial!"

Empenhado em intervenção na República Oriental, que se fizera necessária, comprometidos seus recursos bélicos, o Brasil é afrontado por Solano López com o aprisionamento do *Marquês de Olinda*.

Mas só no término da luta na República Oriental foi possível ao Brasil voltar-se efetivamente para a defesa contra os exércitos de López, que já tinham em seu poder parte da província de Mato Grosso.

"Cumprira-nos, em suma, preliminarmente, elaborar um plano de operações e designar um comandante-em-chefe para todas as nossas forças." E esta observação é complementada pelo General Tasso Fragoso<sup>9</sup>: "Quanto ao Comando-em-Chefe, deixou o governo nessa função o Almirante Tamandaré. Tamandaré foi, pois, conservado no cargo de general-em-chefe de todas as nossas forças e elaborou um plano de operações contra López. Qual era esse plano?"

Nós o encontramos reproduzido em inúmeras fontes bibliográficas. Curiosamente incompleto, mesmo nos autores que dizem transcrevê-lo na íntegra. Somente reproduzem a parte que estabelece a estratégia concebida pelo nosso Almirante, que previa "ser muito possível que López procure embaraçar a passagem do rio com correntes de ferro" em seu famoso baluarte de Humaitá. Mas não poderia obstar a passagem de navios

<sup>9</sup> General Tasso Fragoso in *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, II vol.

couraçados como aqueles que Tamandaré poderia lançar mão em breve.

Nenhuma fonte consultada transcreve a parte do plano de operações que especifica a determinação dos recursos relativos ao material bélico e à intendência, bem como ao reaprovisionamento da Esquadra e do Exército em operação.

Fomos encontrar no Arquivo Nacional a íntegra do Plano de Operações de Tamandaré. Não cabe transcrevê-lo. Apenas queremos saber como Tamandaré conduziu os preparativos logísticos que possibilitariam o sucesso.

Invadido Mato Grosso, fortificado Humaitá. Para a defesa do País, o Exército em operações teria que transpor cursos d'água tornando-se indispensável coordenar os movimentos da Esquadra e do Exército. Delineou-se uma situação em que, para a Armada Imperial, seria imprescindível dispor de novas unidades encouraçadas, estabelecer um sistema de fornecimento de combustível em depósitos fixos e móveis flutuantes, um hospital provisório em um navio, um depósito de munições navais de guerra e de boca e de sobressalentes com disponibilidade de transporte fluvial, além de embarcações adequadas à transposição dos rios com a tropa e seus apetrechos, conforme o necessário.

Não temos a pretensão de abordar com profundidade o planejamento logístico, as dificuldades inevitáveis para sua consecução e suas conseqüências nos aspectos estratégicos e tático da campanha.

Queremos contribuir, tão-somente contribuir, para motivar o estudo analítico de cada atitude e de cada ação do ínclito Patrono da Marinha do Brasil e nelas colher os ensinamentos que a história dos grandes líderes traça para a travessia da nacionalidade.

Avocamos o testemunho do Capitão-Tenente Manuel Carneiro da Rocha<sup>10</sup> que, de 8 de fevereiro a 31 de dezembro de 1866, registrou diariamente os acontecimentos da guerra que presenciou, acontecimentos em que se reafirma a predestinação de Tamandaré para a liderança de grandes momentos de nossa nacionalidade.

Acompanhemos os fatos a partir de fevereiro de 1865, quando Tamandaré desenvolve atividades logísticas operativas, testemunhadas e relatadas por Carneiro da Rocha. É nessa época que Tamandaré, que em breve contaria com os navios encouraçados<sup>11</sup> que sugerira por indispensáveis para vencer as baterias ribeirinhas, deslocase para o teatro de operações.

Ao meio-dia de 21 de fevereiro de 1866, após ter passado pelo casco soçobrado do *Marquês de Olinda* — atingido pela proa do *Amazonas* em Riachuelo — Tamandaré entra em Corrientes a bordo do *11 de junho*, "tendo passado entre os navios que, com en-

<sup>10</sup> Manuel Carneiro da Rocha foi do Estado-Maior do Visconde de Tamandaré. Seu diário, interpretado e anotado pelo CMG (RRM) Lauro Nogueira Furtado de Mendonça, está sob a guarda do SDGM. É documento histórico inédito.

<sup>11</sup> Em março de 1865 fora lançado no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro o primeiro navio encouraçado construído na América do Sul, o *Tamandaré*.

tusiasmo, saudaram o Almirante, tendo a gente nas vergas. As músicas tocaram hinos; e a oficialidade sobre os passadiços não cessava de cumprimentar aquele que vinha em pessoa participar dos trabalhos e fadigas da guerra”.

Já no dia 23 de fevereiro, Tamandaré e o Chefe Barão de Amazonas “foram à terra, a fim de escolherem o melhor local para fundar um hospital; e examinaram o fabrico das canoas para a passagem do Exército. Estavam em construção duas grandes, para conduzir trinta homens cada uma, e mais uma para artilharia e cavahada. O construtor Bastos teve ordem para a direção da construção do hospital, para o que fez desembarcar os seus operários”.

Tamandaré, diariamente, inspecionava as obras do hospital e a construção das canoas, adequando-as à tarefa de transposição do Paraná.

No teatro de operações, as funções logísticas são múltiplas e de relevância primordial. Saúde e pessoal exigem exercícios de atividades que não excluem as preocupações indispensáveis com abastecimento, transporte e apoio logístico móvel. Tamandaré não descuidava do atendimento de nenhuma das funções logísticas.

Estabelecida a infra-estrutura básica de apoio, a Força Naval, com Tamandaré no seu Comando, sobe o rio e fundeia desafiadoramente nas proximidades do Forte Itapiru. Sucedem-se as ações de fustigamento. Osório, Mitre e Flores conferenciam constantemente com Tamandaré.

As atividades logísticas não cessam: feridos transportados para o Hospital de Corrientes, desencaixe de navios, reparos em danos causados pela artilharia inimiga, transporte de munição para o Exército, abastecimento de carvão para os navios da Esquadra.

As águas do rio sobem. A 16 de abril de 1866 já há calado para os navios da Esquadra que apoiariam e possibilitariam a transposição do rio pelo Exército. “Ao romper do dia principiou o movimento na Esquadra e nos vapores que juntos à terra recebiam a tropa. Às sete horas foi o Almirante ao lugar do embarque e esteve com os Generais. Às oito e meia partiram os vapores *Marcílio Dias*, *Riachuelo*, *Suzan Bern*, *Viper*, *Witeinch*, indo na frente o *Beberibe* com o Chefe Alvim, e o vapor *G. Osório*, com o General Osório e seu Estado-Maior; todos estes vapores conduziam duas divisões dos Generais Argolo e Sampaio, dois parques de artilharia, um contingente de engenheiros, e um esquadrão de cavalaria, ao todo 9 mil homens. Foi linda a vista de toda essa força”.

Dois dias depois a Bandeira Brasileira foi içada em Itapiru.

Continuam os trabalhos de passagem do Exército, cavahada, material, gado, armamento e munição. Sessenta e cinco mil homens atravessaram o Paraná! Pode-se imaginar que esforço logístico, que necessidades de coordenação compreenderam o notável efeito. Sessenta e cinco mil homens atravessaram o Paraná!

Carneiro da Rocha, nossa testemunha, foi nomeado Comandante



do *Itajaí* pelo Almirante, a 19 de maio.

A 20 de maio o Almirante ordena o sinal "Suspende". *Bahia, Barroso, Brasil, Tamandaré, Magé, Belmonte, Beberibe, Parnaíba, Ivaí, Itajaí, Ipiranga, Iguatemi, Araguari, Mearim, H. Martins, Greenhalgh, Chui, Lindoia, 11 de junho* e o *Voluntário*, com uma chata de munições, sobem o rio. Passam pela ilha de Curuzu e fundeiam pouco abaixo de Curupaiti.

O Exército avança coordenadamente.

Na Força Naval "soube-se que na batalha<sup>12</sup> do dia 24 de maio, em que o Exército paraguaio de perto de 24 mil homens avançou sobre o nosso, foi ganha uma grande vitória". Parece oportuno repetir que a vitória só é possível para o partido que dispuser de superioridade logística, em quantidade e qualidade de meios e em sua distribuição adequada.

E as atividades logísticas da Força Naval têm prosseguimento ininterrupto: "Desceu a *Mearim*, a 28 de maio, para receber carvão no Passo da Pátria, a fim de com a *Iguatemi* e *Araguari*, subirem o Paraná, a passar o Exército do Barão de Porto Alegre".

Tamandaré escolheu a ilha de Cerrito, à entrada do Paraguai para aí estabelecer um depósito da Esquadra (5 de junho de 1866), atualizando e adequando constantemente a base das operações.

Neste ponto, continuando a leitura do diário de Carneiro da Rocha, não podemos nos conter em transcrever anotação de 11 de ju-

nho de 1866: "Dia memorável! Completa-se um ano que a Esquadra Imperial, em Riachuelo, lançou a pique 4 vapores paraguaios, e tomou 6 chatas, correndo com o resto dos navios, ainda debaixo do fogo da bateria de terra."

Em agosto, já estava montado em Cerrito, local selecionado por Tamandaré com visão estratégico-logística, o "hospital do 2º corpo do Exército e um arsenal de marinha com uma oficina de máquinas com 20 operários e outra de construção com 50, entre carpinteiros e calafates". Era a base avançada que integrava o sistema logístico que se completava, inteligentemente, com o apoio móvel que se impunha como solução lógica e racional.

Derrotados em Tuiuti, os paraguaios retrairam-se, optando por uma guerra de posição, ao abrigo do terreno pantanoso. Os clarões de grandes fogueiras nas pastagens denunciavam a retirada com "terra arrasada". A destruição das pastagens geraria necessidades extras de cuidados com a cavalaria. E o abastecimento móvel já havia sido previsto: "O brigue *Santiaguinho*, comprado por 18 contos para servir de depósito de milho e capim para a cavalaria", chega a Corrientes, a 8 de agosto de 1866.

As funções logísticas incluíam, paralelamente, atividades constrangedoras: transporte de feridos para o hospital de Cerrito, sepultamento de bravos falecidos em combate, guarda de prisioneiros. A este respeito é sugestiva demonstração do espírito nobre dos combatentes brasileiros a anotação de

<sup>12</sup> Batalha do Tuiuti, 24 de maio de 1866.

6 de outubro: "existe no Apa um paraguaio, que serviu de bombeiro ao López. Ia e vinha sem que se pudesse desconfiar de traição. É um rapaz ainda moço e inteligente. Tem sido tratado como os demais prisioneiros, isto é, perfeitamente bem".

Então, a iniciativa de Mitre de assalto a Curupaiti fracassa. Os meios julgados indispensáveis por Tamandaré a tal empreendimento só mais tarde estariam disponíveis: "Chegam, às 3 horas da tarde de 29 de outubro, a Cerrito os encouraçados *Herval* e *Colombo*, o primeiro artilhado com 4 peças, sendo 2 de 150 raiados; e o segundo com 8 peças de 68 de 1ª classe, alma lisa. Foi geral a admiração; a população de Cerrito encheu o alto da barranca!"

*Herval* e *Colombo* somaram-se aos encouraçados *Lima Barros*, *Brasil*, *Silvado*, *Cabral*, *Barroso*, *Bahia*, *Mariz* e *Barros* e *Tamandaré*. Tínhamos, então, meios navais suficientes para a passagem de Curupaiti, subir três voltas do rio e vencer Humaitá, de proclamada inexpugnabilidade.

Os navios do Almirante venceriam Humaitá!

Ele já havia previsto em seu plano de operações: "Quanto à Esquadra, sua missão nesta guerra é múltipla e variada e está chamada a prestar os maiores serviços. O Presidente López a teme seriamente porque sabe que o seu famoso baluarte de Humaitá não pode resistir a um ataque de navios couraçados, como aqueles que poderemos lançar mão em breve, combinados com um Exército respeitá-

vel. É muito possível que procure embarçar a passagem do rio com correntes de ferro".<sup>13</sup>

E os navios de Tamandaré venceram Humaitá!

## ARQUITETO DO ÊXITO

Não falamos das tensões constantes que as ações bélicas criavam, nem do ambiente hostial, das preocupações, riscos e ansiedades, constrangimentos e sacrifícios das personagens do teatro de operações. Nem de seu patriotismo.

Buscamos uma visão com enfoque logístico-naval da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Podemos enriquecer agora com exemplos reais, vívidos e registrados nas páginas nobres da História Naval brasileira, as mais atuais classificações das funções logísticas: abastecimento, manutenção, reparo e salvamento, saúde e pessoal, transporte, desenvolvimento de bases e apoio logístico móvel.

Hoje, é indiscutível que a atividade logística está intimamente entrelaçada e constitui uma influência limitadora decisiva às operações estratégicas e táticas. A determinação acertada das necessidades e a localização e distribuição apropriadas dos recursos de suprimento facilitam as ações bélicas e influem diretamente no sucesso

<sup>13</sup> Existem no Museu Naval do SDGM alguns elos da amarra utilizada em Humaitá. Eram, de fato, três amarras, paralelas, a mais pesada com elos de sete polegadas e meia. Apoiadas em numerosas canoas e três pontões. Durante cerca de três meses os encouraçados atiraram contra as canoas e pontões, afundando todos eles e, naturalmente, fazendo com que o conjunto afundasse em sua seção central.

das diferentes concepções estratégicas e dispositivos e procedimentos táticos.

É certo que, na senda da Humanidade, os aplausos pela Vitória são avocados por muitas personagens. Mas a História, que obstinada e teimosamente faz justiça aos protagonistas, atribui sempre ao legítimo Comandante a responsabilidade pelo resultado de suas decisões e ordens. E, responsabilizado pelas conseqüências de suas ações e omissões, arquiteto do êxito e culpado pelo fracasso, é sua obrigação, forçosamente, estabelecer o nível de recursos indispensáveis à sua causa, procurar que sejam atendidos, distribuí-los de modo a obter a otimização de seu emprego, e obter a vitória que tais meios possibilitam. "Na impossibilidade do sucesso, retardará suas ações até que os meios obtidos assegurem, pelo menos, possibilidade de êxito."<sup>14</sup>

O pensamento militar contemporâneo encontra na Logística naval desenvolvida por Tamandaré, antes e durante a Campanha da Tríplice Aliança, uma das mais valiosas lições da Arte da Guerra. A estratégia e a tática interagem com a Logística. A guerra não é somente fogo e sangue; embate moral da dignidade nacional, munícia-se de direitos e deveres cívico-sociais, de opiniões e de vontades, de renúncias e obstinações. Na criatividade e na tecnologia; na razão e na paixão. Na inspiração e hombridade, na liderança e na previsão daqueles que, como o Almirante Joaquim

Marques Lisboa, e ninguém mais que ele, motivam as formidáveis energias da Pátria.

## Bibliografia

- ARQUIVOS do Almirante Tamandaré. Originais existentes no Serviço de Documentação-Geral da Marinha, adquiridos em 1949 pelo Almirante Sylvio de Noronha, Ministro da Marinha.
- BARROSO, Gustavo. *Tamandaré, o Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Fon-Fon e Seleta, 1956.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *Perfis Parlamentares 4, José Antônio Saraiva (Conselheiro Saraiva)*. Discursos Parlamentares, Sel. e intr. de Álvaro Valle, Brasília, 1978.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. *Ofícios do Comandante-em-Chefe da Força Naval do Brasil no Rio da Prata, de 1823 a 1868* (XM 292, 318, 660, 929 e 978).
- BRASIL. Ministério da Marinha. Estado-Maior da Armada. *Introdução à Logística*. Rio de Janeiro, 1971.
- BRASIL. Ministério da Marinha. SDGM. *Subsídios para a História Marítima do Brasil*. Extratos do Arquivo do Almirante Tamandaré. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1950 e 1951, vol. VIII e X.
- BOITEUX, Henrique. *Os Nossos Almirantes*. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1962, quarto volume.
- BOITEUX, Henrique. *O Marquês de Tamandaré (Um indigete brasileiro)*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Zélio Valverde, 1943.
- CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1947.
- CORRESPONDÊNCIA e documentos oficiais relativos à Missão do Conselheiro José Antônio Saraiva ao Rio da Prata. Bahia, 1872.

<sup>14</sup> Jomini, in *Précis de l'Art de la Guerre*.

- ECCLES, Henry E. *Logistics in the National Defense*. Harrisburg, Pennsylvania, USA, 1959.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro, Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934, 5. vol.
- GUEDES, CMG Max Justo. *As Forças Navais Brasileiras na Guerra do Paraguai*. 2ª Conferência do ciclo promovido pelo Instituto de Geografia e História Militar do Brasil no 19 Centenário do Término da Guerra do Paraguai. Revista do IGHMB, vol. XLVIII, nº 61 (Esp.), 1970.
- JACEGUAY, Arthur. *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. Rio, Editora A Noite, 1935.
- JOMINI, Barão Antoine Henri. *Précis de l'Art de la Guerre*. Paris, Librairie Militaire de L. Baudoin, 1894.
- JOMINI, Barão Antoine Henri. *A Arte da Guerra*. Tradução de Napoleão Nobre. Rio de Janeiro, Ministério da Guerra, Biblioteca Militar, 1949.
- JOURDAN, E. C. *Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro, Tipografia Esperança, 1871.
- LINHARES, Aurélio. *Elogio dos Réprobos. A Guerra*. In: Salada de Letras. Itabuna, Gráfica Editora Itabuna, 1974.
- LOBO, Hélio. *Antes da Guerra (A Missão Saraiva ou os Preliminares do Conflito com o Paraguay)*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1914.
- MAHAN, Alfred Thayer. *The Influence of the Sea Power upon History*. New York, Sagamore Press, 1957.
- MAIA, João do Prado. *Através da História Naval Brasileira*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.
- MAIA, João do Prado. *A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império (Tentativa de Reconstituição Histórica)*. Rio de Janeiro, Coleção Documentos Brasileiros, Livraria José Olympio Editora, 1965.
- ROCHA, Capitão-Tenente Manuel Carneiro da. *Diário da Campanha Naval do Paraguai* (8 fev a 31 dez 1865). Original inédito interpretado e anotado pelo CMG (RRm) Lauro Nogueira Furtado de Mendonça e doado ao Serviço de Documentação-Geral da Marinha.
- SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro, 1902.
- SILVEIRA, Carlos Balthazar. *Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio, 1900.
- SOARES, Álvaro Teixeira. *O Drama da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro, 1903.
- TAMANDARÉ, Visconde de. *Plano de Operações*. Ofício de 3 de março de 1865, no acervo do Arquivo Nacional (XM 660).
- THOMPSON, George. *The War in Paraguay*. Londres, 1869.
- VILLAR, Frederico. *Vida e Glória de Tamandaré*. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1950.



O Capitão-de-Mar-e-Guerra Arlindo Vianna Filho é aperfeiçoado em Submarinos e comandou, durante três anos, o submarino "Bahia". Por quatro vezes foi-lhe atribuído o Prêmio "Marquês de Tamandaré" em concurso histórico-literário do Clube Naval. Atualmente é Encarregado do Curso Superior de Guerra Naval, da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro.